

# O mal-estar na constituição do sujeito

Anna Silvia Rosal de Rosal

Resenha de Sérgio Telles, *Visita às casas de Freud e outras viagens*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2023, 230 p.

Diante das várias possibilidades, optei por apresentar o psicanalista e escritor Sérgio Telles como um viajante inquieto e atento às produções culturais que revelam o sujeito do inconsciente. Em *Visita às casas de Freud e outras viagens*, agora reeditado em segunda edição, munido de ampla cultura geral e de escuta sensível, Sérgio Telles transita por variados campos artísticos a fim de erigir o pano de fundo que emoldura seu pensamento. O livro foi elaborado a partir de sólido arcabouço cultural e de perspicaz escuta psicanalítica. O autor, ao refletir acerca de obras literárias, fotográficas e do trabalho de importantes pintores, instituiu um rico diálogo entre o sujeito e a cultura.

Na literatura, Telles recorreu a Guimarães Rosa, Anton Tchekhov, Machado de Assis, Guy Debord, Lewis Carroll, Paul e Jane Bowles, para citar apenas alguns. A interlocução estabelecida com os textos desses escritores permitiu observar a influência recíproca entre cultura e subjetividade.

Na pintura, Vincent Van Gogh e Edvard Munch contribuíram para reflexões acerca do humano, ou melhor, do *demasiadamente humano*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Claramente, faço uma referência à obra do filósofo Friedrich Nietzsche intitulada *Humano, demasiadamente humano*, publicada em 1878.

**Anna Silvia Rosal de Rosal** é psicóloga com formação em psicanálise, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Entre os temas desenvolvidos observamos reflexões sobre os sonhos, a morte, a representação da mulher e contratransferência negativa, por exemplo.

Na fotografia, os corpos nus registrados por Spencer Tunick levaram Telles a mostrar que, na era do consumo, o valor da arte pode ser distorcido a ponto de resvalar na vulgarização. Esse descompasso seria um tipo de mal-estar contemporâneo?

A psicanálise é o fio condutor que engendra uma trama composta por 19 ensaios, distribuídos em 230 páginas. Para tanto, Telles recorreu a alguns dos chamados textos culturais de Sigmund Freud, dentre os quais, *O mal-estar na cultura*, publicado em 1930, é referência central. Aliás, tal texto é muito pertinente para se pensar acerca das variadas formas pelas quais o mal-estar aparece na história. Por isso, permanece atual. De acordo com Safatle (2020, s/n) “sem a categoria do mal-estar não é possível pensar os destinos do sujeito na atualidade.”

A agudeza do pensamento de Telles imprimiu clareza e profundidade à sua escrita. Neste sentido, o modo como apresenta os variados comportamentos e afetos, à luz do pensamento freudiano, evidencia o mal-estar em variados contextos. *Visita às casas de Freud e outras viagens* denota o quanto um psicanalista dotado de ampla cultura geral pode chegar a lugares que somente seriam visitados a partir dessa constituição. Logo, a formação cultural do analista se mostra tão importante para a escuta do inconsciente quanto são indispensáveis os suportes teóricos que sustentam sua práxis (MACEDO; FALCÃO, 2005).

Inicialmente, ao destacar a cultura geral do autor de *Visita às casas de Freud e outras viagens*, pensava em cultura enquanto instrução, saberes acumulados, *atividade e desenvolvimento intelectuais* – tal como define o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. À medida que o texto se desenvolve, dou-me conta da intrínseca relação com outra acepção do termo: refiro-me à cultura enquanto um quadro de valores e referências compartilhados em determinada época da história, composto por um conjunto de crenças de

caráter dinâmico, que é influenciado e, ao mesmo tempo, influencia o comportamento de um povo ou grupo. Ou ainda, um sistema cultural constituído de um idioma, modos de realizar tarefas, um sistema de parentalidade, culinária, artes e formas de cuidado. Tal como afirmam Borges, Peirano e Moro (2018, p. 155): “todos esses elementos dispersos são estruturados de maneira coerente por representações culturais, que não as interfaces entre o dentro e o fora [...]”. Ambos os significados se complementam a ponto de atingirem a indissolubilidade. Portanto, não somente a presença da cultura é importante na psicanálise como também o método psicanalítico se revelou indispensável à compreensão dos fenômenos culturais, sob suas variadas nuances.<sup>2</sup>

Até este momento, fiz uma visita panorâmica, uma espécie de sobrevoo pelo livro de Telles. Talvez fosse mais honesto com o autor realizar um voo rasante, profundo. Mas adiantaria me aproximar da vasta amplitude de temas e contextos descritos se parte da riqueza de sentidos será descoberta por meio da subjetividade de cada leitor? Sendo tarefa impossível, escolhi um texto para demonstrar o quão instigante é o roteiro de viagem que Telles nos apresenta em sua obra.

O texto que abre o livro foi intitulado *O nome de Vincent Van Gogh: algumas especulações sobre o desejo da mãe e o suicídio*. Nele, Telles aponta, ao longo da vida de Van Gogh (1853-1890), a alternância entre criatividade e agressividade, remanso e redemoinho. Em sua breve trajetória, o pintor produziu, aproximadamente, 900 telas a óleo. Em consonância com seu mundo interno, optou por cores dramáticas e intensas para registrar suas criações. O talentoso artista criou também muitos desenhos, atividade esta que iniciou na infância. Por sua vez, as manifestações de agressividade – dirigidas a si mesmo – o levaram tanto a mutilar a própria orelha quanto a algumas internações e a três tentativas de suicídio. Aos 37 anos de idade, o suicídio foi efetivamente consumado.

O suicídio é o desfecho de uma sucessão de dores e desencontros que em dado momento se tornam intoleráveis. Na realidade histórica de

Van Gogh, o que teria corroborado para seu trágico destino? Telles, ao dirigir sua atenção para a história do pintor, amarra alguns pontos dessa experiência com uma habilidade que se observa em experientes tecelões que engendram os fios de uma trama. Assim, associa o trágico desfecho da vida do artista ao aprisionamento, à herança psíquica que recebeu de sua mãe. De acordo com Freud (1914/1988), o nascimento de um filho reaviva o narcisismo dos pais. Comumente, esses tendem a atribuir ao herdeiro características supervalorizadas ao mesmo tempo em que esperam que seus desejos e aspirações frustrados sejam realizados pela nova geração. Mandelbaum (2007) advoga que “o que urge transmitir é da ordem do traumático, do que foi excessivo, com a esperança de que as gerações seguintes possam transformar em linguagem simbólica, em representações passíveis de serem pensadas.”

Neste sentido, a herança psíquica transmitida a Van Gogh ao que tudo indica teve relação com o investimento narcísico de uma mãe que tentava negar a morte de um outro filho. Em função disso, ela atribuiu ao pintor a missão de sustentar a presença do irmão morto – algo da ordem do impossível. Telles ressalta que a principal implicação dessa herança foi o intenso conflito identitário que acompanhou o artista por longos anos. Pois, ao ser colocado no lugar de um outro, o espaço para a construção de sua subjetividade foi invadido pela representação de um fantasma (ABRAHAM; TOROK, 1995).

Nessa direção, Faimberg (2001) entende que, na transmissão psíquica, o interjogo estabelecido entre o narcisismo dos pais (no caso em questão, da mãe) e o espaço psíquico do filho se dá em dois contextos. Quando o amor narcísico é transmitido, instala-se uma função de apropriação; no entanto, quando o investimento narcísico está apoiado no ódio, prevalece a função de intrusão. Ambas as formas são características da regulação narcísica de objeto e configuram um regime narcísico da ordem da apropriação/intrusão. Van Gogh não conseguiu rejeitar a mal-dita herança psíquica, tendo, portanto, que lidar

constantemente com o sofrimento produzido por esse desencontro. Por fim, sustentado na fantasia de liquidar aquele sofrimento, recorreu ao suicídio.

Contudo, é no texto que inspirou o nome do livro que Telles faz sua mais profunda viagem. As visitas às casas de Freud, em Viena e em Londres, o levaram também a visitar seu mundo interno com importante intensidade. Em suas palavras, ver o modesto apartamento em que Freud viveu revelou-o de um modo inédito.

Fez aparecer em sua inteireza singular de sujeito, o que – de alguma forma – desfazia a identificação imaginária que o analista mantivera com ele, pois ele próprio – o analista – se sentia devolvido a si mesmo, à sua própria inteireza, à sua própria identidade.

Assim, o choque provocado entre as idealizações em torno do pai da psicanálise e a realidade externa chacoalharam um cenário alimentado ao longo de anos. A dissonância entre as casas em que o pai da psicanálise viveu e o Olimpo no qual Telles o abrigou produziu uma experiência tão intensa que lhe evocou as mais primitivas reações. Afinal, o fundador da linhagem psicanalítica é, em alguma medida, a base a partir da qual os psicanalistas forjam sua identidade profissional.

Telles pôde recorrer a um recurso que infelizmente não estava disponível a Van Gogh. A autoanálise feita *in loco* permitiu ao autor encontrar um destino vivo e autêntico para a “desidealização” do grande pai. Dissolver mecanismos psíquicos abre espaço para refundar o sujeito. Ao passo que confundir o aparelho de pensar com a impossibilidade de elaborar a história pessoal pode levar a destruição da própria existência.

#### Referências

- Abraham, N.; Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Borges, T. W.; Peirano, C.; Moro, R. M. (2018). “A clínica transcultural: cuidando da parentalidade no exílio”. *Estud. psicol.* Campinas, v. 35, n. 2, p. 149-158. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/estpsi/v35n2/0103-166X-estpsi-35-2-0149.pdf](http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v35n2/0103-166X-estpsi-35-2-0149.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2019.
- Faimberg, H. (2001). “A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações”. In: ΚΑΪΣ, R. et al. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1914/1988). “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Kaes, R. (2010). “Comment penser le transculturel aujourd’hui?” *Revista Plexus*, n. 2. Disponível em: [www.revistaplexus.eu/index.php/plexus/article/view/158](http://www.revistaplexus.eu/index.php/plexus/article/view/158). Acesso em: 05 maio 2023.
- Macedo, M. M. K.; Falcão, C.N.B. “A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta”. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jun. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006). Acesso em: 20 ago. 2023.
- Safatle, V. (2020). “Orelha da contracapa”. In: *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.

2 Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Disponível em: <https://sinapsys.news/sbpsp-abre-inscricoes-para-o-curso-de-psicanalise-clinica-e-cultura>. Acesso em: 20 ago 2023.